

Portal EXAME

Os cérebros por trás da China

| 12.06.2008

As estrelas do Partido Comunista Chinês, o núcleo de poder que em três décadas transformou um país miserável numa superpotência

Stephen Shaver/Polaris



Oficiais do exército em cerimônia: o partido comunista chinês não presta contas

Por Juliana Vale

EXAME A obediente turma de quepe da foto ao lado faz parte do maior Exército do mundo. Eles comemoram o aniversário de 80 anos do Exército de Libertação Popular Chinês, um mamute com mais de 2 milhões de soldados na ativa. Esse grupo de homens tem à sua disposição um bom punhado de bombas atômicas para qualquer emergência, mas uma das funções cotidianas dos soldados é manter o 1,3 bilhão de chineses sob controle. Mais de 1 milhão deles se dedicam à tarefa. O que os mantém quietos em suas cadeiras é a perspectiva de ouvir seus temidos chefes: os membros do Comitê Central do Partido Comunista Chinês. O poder desse grupo de nove cavalheiros encontra poucos paralelos no resto do mundo. Eles são senhores absolutos da economia, da sociedade e de tudo o que pode existir entre um e outro. Mudam as regras do ambiente de negócios ao sabor de suas vontades. Não precisam prestar contas ao Legislativo ou ao Judiciário, instituições que até existem na China, mas são diretamente subordinadas aos nove mandarins do Comitê Central. Eles são também os responsáveis pelo maior fenômeno da história econômica mundial no último século. Se o Exército é seu tecido muscular, os nove membros do Comitê Central do Partido Comunista são os cérebros por trás da China.

O Partido Comunista Chinês é a maior agremiação política da atualidade. Tem 73 milhões de membros, mais gente que a população total de países como Inglaterra e França. Olhado de fora, o PCC é uma estrutura monolítica. Seus debates internos se dão sob um véu de segredo que só pode existir numa ditadura de partido único. As reportagens da censurada imprensa chinesa não contêm declarações de “interlocutores próximos” ou “gargantas profundas”. O que sai publicado é a versão oficial do governo, nada mais. O chefe do partido — e, portanto, de toda a China — é Hu Jintao, hoje com 65 anos. Ele foi uma jovem estrela do PCC. Em 1992, o então mandarin Deng Xiaoping viu em Hu o futuro presidente da China. Melhor padrinho, impossível. Hoje, ele tenta imprimir sua marca na sociedade chinesa. Seu objetivo é dar ao brutal crescimento econômico das últimas décadas um caráter mais, digamos, harmônico: menos poluição e mais igualdade entre os que prosperaram nos anos de abertura e aqueles que ficaram para trás. Abaixo dele há um grupo de políticos que se divide em dois. Um é ligado ao presidente. Esse pedaço do politburo recebeu os apelidos de Ala Jovem e Grupo da Tsinghua, referência à conceituadíssima universidade onde estudaram o engenheiro Hu e seus aliados. O outro é o Grupo de Xangai, que cresceu sob as graças do ex-presidente Jiang Zemin. Desse grupo faz parte o número 2 do partido, Wu Bangguo. Diferenças ideológicas entre os dois grupos? Nenhuma. Disputam poder, nada mais.

O sucesso dessa burocracia pode ser explicado pela enorme competição entre seus membros. O Partido Comunista Chinês já foi comparado até mesmo ao banco de investimento americano Goldman Sachs, meca da meritocracia no mercado financeiro. Os membros são testados o tempo inteiro, seja à frente de estatais, províncias ou ministérios. Há, claro, apadrinhamento para todo lado, mas em menor grau do que o observado em outras ditaduras. Um dos mais promissores jovens do partido, Bo Xilai, ganhou recentemente a espinhosa missão de transformar a cidade de Chongqing, no oeste da China, numa potência. Caso consiga, será um nome forte para assumir altos escalões do partido. Caso fracasse, ficará no caminho. Nessa trajetória, é fundamental também ter cuidado com o excesso de ambição. Chen Liangyu, chefe do partido em Xangai, tentou desobedecer às ordens do Comitê Central. Acabou condenado a 18 anos de prisão por acusações de corrupção (e acusações na China, não raro, se restringem ao sentido específico da palavra). A pressão em cima de candidatos a postos mais altos se mantém até as últimas promoções possíveis. Em vez de definir seu sucessor no dedaço, Hu Jintao selecionou os dois candidatos vistos como os mais promissores — Li Keqiang e Xi Jinping. A escolha é uma mostra de como funcionam as coisas no Comitê Central. Li Keqiang é tido como o favorito de Hu. Mas o presidente foi forçado a manter Xi Jinping no páreo. Afinal, sua carreira é tida como a mais brilhante entre os membros da quarta geração do PCC. Hoje, ele é responsável pela organização da Olimpíada. Os dois políticos estão em campanha interna para assumir em 2012.

Quem é quem no partidão
Os membros mais importantes do Partido Comunista Chinês
HU JINTAO, presidente, chefe do partido e do Exército Tem 65 anos. Foi líder da Juventude Comunista e o mais jovem membro do Comitê Central do partido, na época envolvido em treinamentos ideológicos. Quer gravar seu nome na história do país ao abrandar a filosofia de crescimento a todo custo das últimas décadas
WU BANGGUO, presidente da Assembléia Nacional Popular Assim como Hu Jintao, é engenheiro pela Universidade Tsinghua. Tem 66 anos. Nos anos 80, tornou-se um dos protegidos de Jiang Zemin, então chefe do partido
WEN JIABAO, primeiro-ministro da China Aos 65 anos, é o mais popular dos mandarins. Sua fama foi catapultada pela reação que teve ao terremoto de maio. Foi à região afetada poucas horas após os tremores e liderou a busca por sobreviventes
JIA QINGLIN, presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês Aos 68 anos, é o membro mais velho do grupo. Exerce um cargo de pouco poder. O povo não é consultado com tanta frequência assim
LI CHANGCHUN, chefe de propaganda do partido É o responsável máximo pelo aparato de propaganda e pela ideologia do PCC. Tem subido rápido na hierarquia do partido
XI JINPING, recém-nomeado vice-presidente da China É um dos favoritos à sucessão de Hu Jintao em 2012. Filho de um alto membro do PCC, coordena o projeto olímpico chinês
LI KEQIANG, vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado É o membro mais novo do politburo, com 52 anos. Compete com Xi Jinping pela sucessão presidencial da China em 2012
HE GUOQIANG, secretário da Comissão Central de Inspeção Disciplinar É uma espécie de chefe de recursos humanos do PCC, responsável por investigar candidatos a promoções internas
ZHOU YONGKANG, vice-secretário da Comissão para Assuntos Políticos e Jurídicos do Comitê Central Engenheiro, de 65 anos, ganhou notoriedade como ministro de Segurança Pública linha-dura

O partido deve sua cara atual a Deng Xiaoping, o homem que deu a essa ditadura seu traço definidor. Deng fez do PCC um organismo extremamente sensível à opinião pública. Seu antecessor, Mao Tsé-tung, apostava na tirania e na repressão para se manter no poder. Deng foi sagaz o bastante para perceber que isso era pouco. Com a abertura econômica, ele conseguiu dar ao partido uma legitimidade que não vinha da força. Desde então, faz-se um balanço entre coerção e agrado. O agrado vem na forma de crescimento da renda e do emprego. Mais de 400 milhões de chineses saíram da pobreza absoluta desde que essa história começou. A coerção vem na absoluta censura, na prisão de dissidentes, no veto à liberdade de expressão e, quando se julga necessário, no massacre sem piedade de opositores. Foi Deng, vale lembrar, quem deu a ordem para que o Exército reprimisse a bala o protesto de estudantes na praça da Paz Celestial, em 1989.

Desde então, os analistas esperam o dia em que as reformas econômicas trarão maior liberdade política à China. Parece uma conta matemática simples. Mais dinheiro, mais educação e mais acesso ao que acontece no mundo trariam uma demanda natural por liberdade. Há dois cenários de mudança. O mais otimista prevê uma abertura gradual, à Coreia do Sul. O pessimista seria um colapso do regime, causado pela soma de problemas não resolvidos pelos anos de crescimento econômico: poluição insuportável, desigualdade social e camponeses abandonados à própria sorte. Para a

socióloga Susan Shirk, autora do recente livro *Fragile Superpower* ("Superpotência frágil", em português), essa é a hipótese mais provável. Existe, porém, outro cenário possível: o de que não aconteça rigorosamente nada. Há dentro do partido a sensação de que uma tentativa de reforma seria vista como um sinal de fraqueza — portanto, ante-sala para revoltas que poderiam desestabilizar o governo. O último alto membro do PCC que tentou forçar a mão na liberalização política teve motivos para se arrepender. Zhao Ziyang era primeiro-ministro na época dos protestos da praça da Paz Celestial e já havia sido escolhido por Deng como seu sucessor. Mas sua reação aos protestos dos estudantes foi considerada amigável demais. Não levou um mês até que fosse derrubado pela linha-dura. Foi condenado por alta traição e mantido em prisão domiciliar até sua morte, em 2005. Para que o regime ceda a qualquer pressão por abertura, será preciso que surja no politburo um candidato disposto a enfrentar reação semelhante. No passado, acertou quem achou que não haveria mudança alguma. Nada indica que essa tenha deixado de ser a aposta mais segura.



Copyright © 2006, Editora Abril S.A. -
Todos os direitos reservados. All rights reserved.